

ENTREVISTA COM PIMENTAS DE OURO

O Pimentas de Ouro é um projeto de arte, cultura e educação atuante no Bairro dos Pimentas em Guarulhos. É desenvolvido por estudantes da UNIFESP e moradores do entorno, que em conjunto pensam ferramentas para a efetivação da Universidade Federal no bairro com oficinas artísticas, cineclube infant-juvenis e formações com comunidade¹.

Hydra: Agradecemos muito ao Pimentas de Ouro por aceitarem ceder essa entrevista para nós! Para a Revista Hydra é uma grande satisfação conhecer melhor o Projeto de Extensão. Poderia nos contar como ele surgiu e como ele atua?

Primeiramente, agradecemos o espaço de diálogo oportunizado pela Revista Hydra. Desde a construção do Campus EFLCH no bairro do Pimentas em Guarulhos, as crianças moradoras do entorno do prédio da UNIFESP tentam ocupar de forma espontânea o campus universitário, tendo existido ao longo dos anos diversas tentativas de integração, ações fomentadas por estudantes e moradores do bairro. No final do segundo semestre de 2018, as interações desassistidas entre as crianças e o ambiente acadêmico geraram desconforto em alguns estudantes, professores e funcionários que, despreparados, não compreendiam a Universidade como um local de interação intergeracional, no qual crianças, adolescentes e adultos podem (e devem!) interagir, aprender, brincar e fazer arte com atividades e programas dedicados para - e construído junto com - cada público. Diante da situação e na tentativa de reforçar os laços entre a comunidade e a

¹ Texto de apresentação fornecido pelos entrevistados.

Universidade, o grupo de alunas e alunos que hoje compõem o Pimentas de Ouro, entre outras atividades, organizou uma visita à biblioteca do campus com as crianças do Residencial Esplanada, conjunto habitacional localizado em frente ao campus, onde participaram de uma contação de história e experimentação de livros infantis. Apesar de parecer algo simples, a visita nos possibilitou enxergar novas pontes para reduzir o abismo existente entre a população do bairro e o espaço universitário. Porém, foi na própria comunidade que encontramos a possibilidade de construir um projeto de educação transgressora que afetasse profundamente as pessoas envolvidas. Num país com abismos profundos, marcados pelo racismo e segregação espacial que condicionou a população pobre - de maioria negra - às margens, propostas de valorização da autoestima de crianças, jovens e adultos, estímulos à imaginação de futuro, incentivo à retomada dos estudos, conquista de autonomia e amor à comunidade local, são propostas capazes de derrubar estruturas cristalizadas. Logo no início de 2019, deixamos de realizar as atividades no campus e passamos a realizar o Cine de Ouro, cinema a céu aberto na quadra da comunidade, reforçando os laços afetivos entre as crianças e o espaço onde residem. Realizamos mais de 50 edições do cinema, inclusive uma sessão especial no Auditório da UNIFESP, com o filme *Tito e os Pássaros*, na presença dos roteiristas e ilustrador do filme.

Ao longo do todo o processo, o Pimentas de Ouro, em construção conjunta com os moradores do bairro, atua com o fomento e produção de atividades educacionais, artísticas e culturais no contexto da Universidade, com objetivo de estimular práticas de acesso dos moradores do bairro do Pimentas ao ensino público, gratuito e de qualidade, além de incentivar práticas de contribuição mútua entre comunidade acadêmica e população local. No entanto, nossas ações acontecem para muito além da

universidade, sendo realizadas em grande parte na comunidade, como o Dia da Horta e Festa Junina, e também através de oficinas e visitas mediadas a exposições no Sesc e outros centros culturais. Cientes de que um galo sozinho não tece a manhã, nossas atividades só são possíveis devido às redes de pessoas que acreditam no potencial transformador da arte educação.

Hydra: Para além da transformação sensível que impactou drasticamente nossas agendas pessoais e profissionais, o Pimentas de Ouro também deve ter sido afetado por conta da pandemia de COVID-19, vocês desenvolveram alguma atividade específica para essa conjuntura? Se sim, nos conte um pouco sobre.

Ao longo das reuniões do grupo e em diálogo com os moradores, percebemos a urgência de organizar doações e distribuir cestas básicas, para amenizar os efeitos da pandemia. A maioria da população do Esplanada enfrenta o desemprego ou é acometida pela informalidade no mercado de trabalho, coexistindo e sobrevivendo aos desdobramentos do racismo estrutural que, neste atual cenário, agrava as desigualdades, principalmente nos marcadores de mortalidade causada pelo novo coronavírus.

O projeto buscou promover ações que fossem capazes de seguir com o isolamento social nesta área populacional, ao mesmo tempo que foram realizadas atividades virtuais de análise e encaminhamento de informações seguras e confiáveis. Para isso, organizamos uma rede de apoio através de nossos contatos.

Através das redes sociais e com ações presenciais pontuais, mediamos as doações em dinheiro, organização, arrecadação, logística e entrega de cestas básicas. Devido a grande demanda e ausência de experiência nesse tipo de ação, realizamos a distribuição de cestas e kits de

higiene em 3(três) remessas nos meses de abril e maio. Essas três remessas, totalizaram 228 cestas básicas e kits de higiene, aproximadamente 3,3 toneladas de alimentos distribuídos para as famílias e alcançaram cerca de 900 pessoas.

Vale frisar, que a equipe responsável pela distribuição das doações, respeitaram todas as orientações e recomendações da OMS(Organização Mundial da Saúde), higienizando as cestas no momento da entrega, uso obrigatório e constante de máscaras e álcool em gel. Em vista de uma doação mais eficiente e dinâmica, construímos formulários e agendamos horários para evitar aglomerações. Aproveitamos para doar os livros infantis que recebemos nas doações no nosso Trote Solidário, ação realizada pelo Pimentas de Ouro no momento da matrícula presencial do calouros de 2020, interrompida devido a pandemia.

Organizamos grupos internos para tirar dúvidas e dar assistência aos moradores que estavam com dificuldades sobre o auxílio-emergencial. Analisamos, debatemos e desmistificamos diversas *fakenews* que circularam nos grupos de *whatsapp* do condomínio, confundindo as informações sobre a pandemia, e preparamos materiais informativos sobre o COVID-19. No contexto da quarentena, a procura por atendimento psicológico aumentou substancialmente entre adolescentes e adultos da comunidade, e em breve divulgaremos o trabalho coletivo focado em saúde mental que estamos começando a desenvolver. As ações foram exitosas graças ao envolvimento da comunidade acadêmica, moradores do bairro, lideranças comunitárias, coletivos e pela contribuição do artista Flávio Cerqueira, que, sensibilizado com o bairro onde nasceu, doou 150 cestas básicas que foram entregues no Esplanada.

Acreditamos que o fruto desse momento tão difícil e doloroso em todo o mundo, e no qual tivemos perdas de pessoas da comunidade, as

trocas interpessoais com todos os agentes envolvidos no projeto, foram potencializadas pelo senso de solidariedade e afeto de toda a rede de fortalecimento, que se dedica em emanar vida e fazer pulsar o Pimentas de Ouro.

Apesar de as ações paliativas durante a quarentena terem sido efetivas, são os encontros e conversas potentes entre os moradores e estudantes que possibilitam o fortalecimento dos vínculos afetivos que temos. O afeto é fundamental para a arte educação. Ainda sobre afeto, durante a quarentena, o Pimentas de Ouro tornou-se parceiro do projeto Orelhão Móvel, iniciativa do coletivo Arteiros em Tela, do Teatro Adamastor Pimentas e do grupo de pesquisa Etnografia e História das Práticas Artísticas e das Línguas das Áfricas (EHPALA).

Hydra: Devido à experiência que vocês possuem em desenvolver um Projeto de Extensão na UNIFESP, quais são os primeiros passos e os maiores desafios? **O Projeto Pimentas de Ouro foi oficializado como Extensão Acadêmica no início de 2020, porém, é importante lembrar que nossas atividades junto à comunidade acontecem desde 2018. A experiência que o Projeto transmite ao realizar as ações de extensão vem dos compromissos que assumimos com os objetivos da Extensão Universitária antes mesmo do cadastro na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) da UNIFESP. A conversa entre universidade e sociedade, as interações através de atividades culturais e educacionais e a produção de conhecimento já aconteciam há um tempo e um dos longos processos foi a inserção escrita de processos criativos e livres em um texto com normas tão restritas. O engessamento da academia não consegue abarcar as condições reais de atuação de projetos com propostas transgressoras. Desenvolver ações do Pimentas de Ouro no ambiente acadêmico desde o início é desafiador. Ocorreram muitos casos de**

estranhamento e até mesmo violências raciais partida da comunidade acadêmica em direção às crianças e adultos do bairro. Como solução, após longos debates, optamos por realizar as atividades fora dos muros da UNIFESP. Isso não quer dizer que o objetivo de ocupação do espaço da Universidade pela comunidade tenha diminuído, muito pelo contrário, mas a receptividade do Projeto e as possibilidades interação são maiores do outro lado da rua. Por exemplo, o Cine de Ouro em raras vezes ocorreu no prédio da universidade, encontrando na quadra do Residencial Esplanada sua versão mais acolhedora.

Hydra: Quais são as maiores personalidades inspiram vocês ao desenvolver teoricamente as ações e produções do Pimentas de Ouro?

A lista é grande, principalmente porque o núcleo do projeto é formado por 12 integrantes, que contribuem com o projeto através de suas referências acadêmicas, artísticas, educacionais e de vivências. Algumas de nossas inspirações são Penelope, líder comunitária do Esplanada, dedicada a organização e resoluções de conflitos da comunidade, parceira nas ações do projeto. A Jaqueline e o Toninho, moradores que contribuem com a pipoca do Cine de Ouro e em todas as ações. Os moradores que vendem seus produtos em frente à universidade, como a Andrea com seus salgados veganos, e que na quarentena tiveram seus trabalhos interrompidos. Os moradores que lutam todos os dias para garantir o desenvolvimento das crianças. Nossos professores que dividem suas percepções de mundo e bagagem acadêmica conosco. E, por fim, Paulo Freire, bellhooks, Lélia Gonzalez e Nilma Lino Gomes, intelectuais com propostas transgressoras de ensino que nos inspiram a transgredir através do afeto.

Hydra: Agradecemos muito por dividirem todo esse grande trabalho conosco. Nesta edição da Revista, apresentamos como dossiê a História da Saúde e suas relações com a sociedade. Para concluir essa entrevista, gostaríamos de saber como vocês articulariam esses debates a partir de um recorte racial, na sociedade brasileira contemporânea?

A princípio, precisamos relacionar raça com saúde através da história. Tanto o processo de tráfico de pessoas iniciado por ordem da coroa portuguesa, com apoio da Igreja Católica e demais nações européias, quando a invasão das terras indígenas - lembrando aqui que todo o Brasil é terra indígena -, são dois marcos cruciais onde o contato com o estrangeiro europeu, já desgastado das enfermidades seculares presentes na sociedade feudal. Ao sequestrar pessoas que tinham suas vidas estabelecidas, Reis e rainhas, trabalhadores do continente africano e submetê-los a condições ainda piores do que aquelas que os europeus estavam acostumados, foi iniciado uma disseminação de doenças que levou à morte milhares de pessoas nos navios tumbeiros, e ao longo da colonização também, principalmente quando pensamos que a introdução da cachaça nos hábitos cotidianos das pessoas africanas foi parte do projeto europeu para controlar estas pessoas. O projeto que parece simples e inocente, demonstra hoje sua eficácia com a grande quantidade de pessoas negras em situação de alcoolismo. A medicina mais recente foi capaz de diagnosticar as "doenças da colonização", enfermidades que populações negras e indígenas desenvolveram no contato com o branco. Alcoolismo, hipertensão e depressão são algumas delas. A hipertensão, por exemplo, foi desenvolvida com o consumo excessivo de água do mar. Não podemos achar isso normal ou simples. Para além do mês de setembro, é necessário lembrar que atualmente a população negra é a principal vítima entre os casos de suicídio no Brasil, assim como os suicídios coletivos de povos indígenas, ambas

situações advindas desse passado colonial mal resolvido. Até mesmo a pouca quantidade de etnias e línguas indígenas vivas é resultado desse contato com os brancos.

No contemporâneo, são urgentes as medidas de reparação histórica. A pandemia de COVID-19 deixou muito nítido que nas periferias as condições de existência são desumanas, principalmente quando falamos do direcionamento de recursos públicos. Seria possível imaginar um posto de saúde nos Jardins ou Moema, sem materiais básicos como luvas, seringas e medicamentos? Não, pois viraria um escândalo, se é que existem postos de saúde nesses bairros. A naturalização que o Estado e a romantização que as mídias fazem há décadas, resultaram na normatização do descaso com estas regiões e com as vidas das pessoas que residem por lá, chegando a convencê-las de que aquelas condições são a única possibilidade para elas. Para isso, somente o trabalho conjunto e multidisciplinar funciona.

Este ano, no início da pandemia, o artista Demétrio Campos, de 23 anos, pôs fim à sua vida após anos lidando com a depressão, doença desenvolvida devido ao racismo e transfobia. Em entrevista, Ivoni Campos, mãe de Demétrio, contou que a família passou anos procurando ajuda psicológica para o filho, e além da dificuldade de encontrar atendimento profissional gratuito e acessível, a carência de profissionais especializados em questões raciais, de gênero e sexualidade, tornou ainda mais difícil o cuidado com a saúde mental de Demétrio. No Pimentas de Ouro, lidamos com crianças majoritariamente negras e temos casos de crianças que se entendem como transsexuais, e que não possuem referenciais que os inspirem para além do sofrimento. Não porque não existem, mas porque não sobrevivem às condições de subsistência.

Importante lembrar que ações afirmativas como a lei de cotas raciais e sociais e a criação de universidades federais no início dos anos 2.000,

inclusive a própria EFLCH-UNIFESP fundada em 2007, permitiram acesso ao ensino superior a muitos estudantes, permitindo que milhares de jovens fossem os primeiros de suas famílias a cursar o ensino superior. Muitos de nós, do Pimentas de Ouro, somos os primeiros de nossas famílias também. Com a possibilidade de acesso ao ensino superior, mais estudantes negros e negras passaram a se formar como profissionais de saúde, aprofundando os estudos sobre saúde física e mental da população negra brasileira. No entanto, só alcançamos essa possibilidade com maiores investimentos na educação, não o contrário.

A implementação das leis nº 10.639 de 2003, que aplica a obrigatoriedade de ensino de história e cultura afro-brasileira, e sua atualização, na lei 11.645, de 2008, que inclui ensino de história e cultura dos povos indígenas na grade curricular dos ensinos fundamental e médio, são fundamentais para colocar os temas em debate. Porém, a falta de investimentos no ensino superior público causa uma grande defasagem no preparo dos professores para trabalhar essas leis, além de parte dos profissionais não compreenderem a importância desse trabalho. Educação sempre foi uma das principais pautas do Movimento Negro Unificado, como nos mostra Nilma Lino Gomes em seu livro *O Movimento Negro Educador*.

Percebemos que um dos maiores impedimentos para que seja realizado um processo efetivo de reparação das condições de vida e saúde dessas populações, é o déficit de conhecimento histórico por grande parte da população, essa falta de conhecimento é presente tanto entre as pessoas que precisam de medidas de acesso, quanto entre os grupos privilegiados, como a classe média majoritariamente não politizada. Ambos os casos são resultado do projeto de controle da supremacia branca. Afinal, um povo sem identidade luta por quem?

Integrantes do projeto:

- Maria Luiza Santana de Meneses
- Eduarda Casal de Rey Chaves
- Matheus de Sena Monteiro
- Maurício de Sena Monteiro
- Victor Hugo de Souza
- Luísa Maza Abib Vilardo
- Giulia Santos Barbosa
- Lucas Leal
- Gabriely Bezerra Lourenço do Nascimento
- Pedro Henrique Antônio Lessa Otsuzu
- Máira Silva Almeida
- Renan Ribeiro de Figueiredo

Professores:

- Prof. Dr. Marcos César de Freitas
- Prof. Dr. Marina Mello
- Prof. Dr. Rosângela Aparecida Dantas de Oliveira
- Prof. Dr. Roberta Stangherlin
- Marta Denise da Rosa Jardim